

# humanitas

**Vol. LIV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LIV • MMII



GONZÁLEZ CORTÉS, María Teresa: *Eleusis, los secretos de Occidente. Historia agraria y bélica de la sexualidad* (Ediciones Clásicas, Madrid, 2000) 382 p.

Neste trabalho, GONZÁLEZ CORTÉS aborda um dos aspectos mais interessantes da religião grega, através da análise daquele que constitui um dos maiores centros de cultos místéricos da antiguidade: os ritos celebrados em Elêusis. A Autora esclarece, desde a “Introducción”, que vai abordar o culto de Deméter e Perséfone numa clara perspectiva sexual, já que Elêusis se converteu no centro sexo-religioso mais importante de toda a Antiguidade, tanto na idade pagã como no decurso dos primeiros séculos do Cristianismo, dada a enorme perenidade e influência do santuário. De facto, a sua actividade inicia-se no segundo milénio a.C. e terminará apenas em finais do séc. IV da nossa Era, com a destruição operada pelos bárbaros. Para sustentar a forma de abordagem escolhida, GONZÁLEZ CORTÉS defende que as primeiras formulações sobre sexualidade apareceram no âmbito religioso; por conseguinte, considera legítimo e necessário estudar o divino do ponto de vista sexual, dada a presença universal de símbolos eróticos em convívio com o cosmos religioso. O paradigma agrário e procriador representado por Deméter e Perséfone irá perder terreno ao longo dos tempos, pois a arma biológica da força, unida aos avanços tecnológicos do trabalho do metal, permitirão a líderes e heróis varões dominar a maioria da população, incluindo a feminina, forçando a aceitação de novos códigos comportamentais. Através da análise de testemunhos de proveniência diversa (mas onde o *Hino Homérico a Deméter* ocupa um lugar central), a Autora propõe-se identificar os valores e regras presentes na história da Grécia, bem como os elementos sexuais secretos de muitas das suas concepções. O trabalho vem estruturado em dois grandes blocos, que procuram seguir, precisamente, a evolução do predomínio da maternidade agrária para o modelo da força guerreira.

Desta forma, na primeira parte da investigação, GONZÁLEZ CORTÉS explora o significado de múltiplos símbolos ligados ao culto de Elêusis, enquanto marcas daquilo que define, em termos gerais, como uma “cultura do ventre”. É o que acontece, por exemplo, com o elemento aquoso (“Aguas, pozos y vulvas”), evocado para mostrar a faceta divina da água em ligação com a religião de Elêusis. Deméter e Perséfone eram divindades que tutelavam o nascimento das sementes e, ao incarnarem a feminilidade do grão, representavam por extensão também a força da natureza e tudo o que produzia a vida (“el semen de mujer”). Um outro elemento presente na

cultura grega, e que ocorre com muita frequência nos testemunhos, diz respeito à ligação da mulher com o firmamento (“la luna, su bisexualidad”). Este aspecto está de acordo com a importância que os astros sempre detiveram na vida do ser humano, mas a lua destaca-se por colhar o lugar cimeiro no imaginário colectivo. É o que acontece também com as deusas ctónicas e a Autora esclarece que não poderia ser de outra forma, dada a proximidade da lua e das deusas reprodutoras (153). A encerrar esta primeira parte, GONZÁLEZ CORTÉS dedica ainda um interessante capítulo ao fenómeno geológico do nascimento (“pedras cósmicas”), pela relação que estabelece com o tema da criação do universo. O facto de os nossos antepassados fazerem derivar a origem do universo do poder cósmico de pedras e minerais denota, segundo a Autora, a vigência de um pensamento geocêntrico. Ora porque as deusas Deméter e Perséfone personificavam a germinação das forças vegetais, elas acabavam por manter igualmente uma forte afinidade com as pedras criadoras, aspecto que vem enriquecer, também por esta via, a natureza do seu culto.

Depois de analisar a influência da cultura agrária representada pelas divindades eleusinas, bem como o peso civilizacional e conceptual que emanou de Deméter e Perséfone, a Autora avança, na segunda parte do trabalho, para a exploração de um paradigma diferente, que corresponde à decadência do telurismo em favor dos valores guerreiros. Ao longo desse processo, as deusas procriadoras foram cedendo, a pouco e pouco, o protagonismo a divindades ambiciosas, coléricas e guerreiras, que impunham a nova ordem sob o jugo da violência. Uma curiosa inferência é estabelecida por GONZÁLEZ CORTÉS entre força física e capacidade de expressão (“derrotas sonoras: la alogia y la anorexia”), que acabaria por traduzir-se num fenómeno de “virilização do acto comunicativo”. Valerá a pena citar as palavras da Autora (p. 231): «establecida la relación de continuidad entre la palabra escrita y razonada, *logos*, y la palabra oral y sagrada, *mythos*, no es vanal recordar que de la instrumentalización del lenguaje se derivara la afasia, la alogia, el analfabetismo... como actitudes culturales de la identidad femenina *divina y/o mortal*». Desta realidade resultará a hierarquização da sociedade, segundo um pernicioso processo de «incesto entre promulgación de leyes y ejercicio del poder» (263). Por outras palavras, o facto de a legislação ser produzida por quem detinha o poder acabava por legitimar as suas decisões, bem como confirmar o seu lugar numa posição privilegiada face à lei. Tal cenário é resultante da expansão cultural dos metais e da entrada no ciclo de os chefes militares se converterem em elite, fixando a sua supremacia legal a partir da força e superioridade fisiológicas. Em algumas narrações guerreiras, esta realidade vem espelhada na própria substituição do papel matricial do ventre (“la pérdida del vientre: entre los accidentes domésticos y el uxoricidio”). É o que acontece, por exemplo, na criação de Atena e de Dioniso, já que Zeus se substituiu ao ventre materno pelo recurso a outras partes anatómicas: a cabeça e a coxa. Ou seja, o corpo masculino usurpa, com sucesso, as funções de mãe, inclusive para dar origem a uma divindade guerreira, como é o caso de Atena. Há, portanto, um processo concomitante de «dignificación de la violencia», como espelha o assunto de um dos últimos capítulos desta segunda parte.

Em conclusão, GONZÁLEZ CORTÉS apresenta-nos um interessante estudo, onde começa por explorar, em conexão com os mistérios de Elêusis, o grande impulso civilizacional que constituiu o cultivo das terras. Analisa, depois, o papel que teve também a arte da guerra, a qual levou ao desenvolvimento de técnicas várias, sobretudo ligadas ao trabalho do metal. No entanto, o novo espírito bélico, além de desalojar progressivamente a “cultura agrária do ventre”, vai fechar as cidades sobre si mesmas e irá acentuar também os princípios da desigualdade, a que estão aliadas as ideias de violência, escravidão, domínio e manipulação das leis e do governo pelos mais fortes, sustentados por uma virilização da palavra, directamente proporcional ao silenciamento progressivo da mulher. «Con estas directrices, estas páginas han girado en torno a sucesos sociobiológicos, es decir, en torno a hechos sexualmente de gran peso y trascendencia, aunque modelados por la mano humana. Por eso, conservamos una cantidad ilimitada de relatos en torno al vientre fecundo, también alrededor de la bélica fuerza muscular» (331). Trata-se, portanto, de uma abordagem curiosa e que fornece interessantes pistas de trabalho. Ainda assim, a tendência, visível um pouco ao longo de toda a exposição, para sugerir uma oposição entre o que é feminino e bom, porque criador, e o que é másculo e mau, porque abusivo e destrutivo, deve, obviamente, ser relativizada e compreende-se apenas por a Autora partir da análise de um culto marcadamente agrário e feminino.

Delfim F. Leão

MONTANARI, F. & PITTALUGA, S.: *Posthomerica III*, a cura di (Università di Genova, Facoltà di Lettere, 2001) 103 p.

O volume agora publicado, terceiro já na sua série, é composto pelas comunicações apresentadas durante o seminário “Posthomerica III”, realizado em Génova, em 27 de Abril de 1999. Os textos das conferências então proferidas, e entretanto actualizadas, procuram evidenciar a fortuna de Homero, ao longo da tradição literária ocidental. É precisamente desta forma que os editores F. MONTANARI e S. PITTALUGA introduzem, na “Premessa”, os estudos em causa: «temi diversi, che dalla Grecia antica arrivano fino all'Umanesimo occidentale, sul filo rosso della vita perenne dei capolavori che hanno iniziato la cultura occidentale». Barbara Graziosi fala sobre a antiga tradição biográfica relativa à figura de Homero, entre os sécs. VI e IV; Mario Citroni, sobre a influência homérica em Horácio, com particular incidência na dimensão programática da epístola 1.2; Mario Cantilena, sobre a cronologia e técnica de composição dos *Posthomerica* de Quinto de Esmirna; Giorgio Brugnoli, sobre a influência da *Iliada* nos *Romulea* de Dracôncio; por último, Marianne Pade analisa a exegese homérica desenvolvida por Leonzio Pilato, no séc. XIV, para a versão latina da *Iliada*, que possui um interesse acrescido para o estudo da própria obra de Petrarca e Boccaccio.

Delfim F. Leão